

# Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

## **Transtornos mentais comuns em estudantes universitários: uma revisão sistemática da literatura**

**Common mental disorders in university students: a systematic literature review**

## **Trastornos mentales comunes en estudiantes universitarios: una revisión sistemática de la literatura**

Fernanda Machado Lopes<sup>1</sup>, Renata Thurler Lessa<sup>2</sup>, Reinaldo Antônio Carvalho<sup>3</sup>, Richard Alecsander Reichert<sup>4</sup>, André Luiz Monezi Andrade<sup>5</sup> & Denise de Micheli<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: [femlopes23@gmail.com](mailto:femlopes23@gmail.com) ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4853-7670>

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: [rthurlerlessa@gmail.com](mailto:rthurlerlessa@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7256-8293>

<sup>3</sup> Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: [reinaldopq@yahoo.com.br](mailto:reinaldopq@yahoo.com.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5070-7376>

<sup>4</sup> Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: [reichert@unifesp.br](mailto:reichert@unifesp.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5761-9336>

<sup>5</sup> Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: [andre.andrade@puc-campinas.edu.br](mailto:andre.andrade@puc-campinas.edu.br) ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0111-8935>

<sup>6</sup> Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: [demicheli.unifesp@gmail.com](mailto:demicheli.unifesp@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8546-4354>



**RESUMO**

Transtornos Mentais Comuns (TMC) caracterizam-se por sintomas que causam sofrimento. Esta revisão sistemática teve por objetivo descrever e analisar artigos sobre prevalência de TMC entre universitários brasileiros. A busca foi realizada no Portal da Biblioteca Virtual em Saúde com os descritores “Acadêmicos” OR “Universitários” AND “Transtornos Mentais Comuns”. Dentre os 229 artigos elegíveis, foram incluídos 18. A prevalência de TMC detectada variou de 19% a 55,3%, e em 11 estudos foi maior que 40%; frequência superior às identificadas em estudos internacionais com universitários, nacionais com população geral e outras amostras. Sugere-se medidas de atenção em saúde mental para este público.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Universitários; Transtornos Mentais Comuns; Prevalência; Revisão Sistemática.

**ABSTRACT**

Common Mental Disorders (CMD) are characterized by symptoms that cause suffering. This systematic review aimed to describe and analyze articles on the prevalence of CMD among Brazilian university students. The search was carried out on the *Biblioteca Virtual em Saúde* Portal using the keywords "Academic" OR "University Students" AND "Common Mental Disorders". Among the 229 eligible articles, 18 were included. The prevalence of CMD detected ranged from 19% to 55.3%, and in 11 studies it was greater than 40%; higher than when compared to international studies with university students, nationals with general population and other samples. Mental health care interventions are suggested for this public.

**KEYWORDS:**

College students; Common Mental Disorders; Prevalence; Systematic review.

**RESUMEN**

Los Trastornos Mentales Comunes (TMC) se caracterizan por síntomas que causan sufrimiento. Esta revisión sistemática tuvo como objetivo describir y analizar artículos sobre la prevalencia de Trastornos Mentales Comunes (TMC) entre estudiantes universitarios brasileños. La búsqueda se realizó en el Portal de la Biblioteca Virtual en Salud con los descriptores “Acadêmicos” OR “Universitários” AND “Trastornos Mentales Comunes”. Entre los 229 artículos elegibles, se incluyeron 18. La prevalencia de TMC detectada osciló entre el 19% y el 55,3%, y en 11 estudios fue superior al 40%. Dicha frecuencia es más alta que las identificadas en estudios internacionales con universitarios, nacionales con población general y otras muestras. Se sugieren medidas de atención en salud mental para este público.

**PALABRAS CLAVE:**

Estudiantes universitarios; Trastornos Mentales Comunes; Prevalencia; Revisión sistemática.

*Informações do Artigo:*

Fernanda Machado Lopes  
[femlopes23@gmail.com](mailto:femlopes23@gmail.com)

Recebido em: 03/07/2020  
Aceito em: 27/09/2020

A universidade é um espaço que promove a ampliação de habilidades e competências profissionais e pessoais. Ela também propicia uma melhora no funcionamento cognitivo de seus alunos e se constitui como um espaço gerador de impactos positivos (Bardagi, 2007). Porém, considerando que em muitos casos a transição e adaptação ao Ensino Superior está atrelada à fase do desenvolvimento psicossocial da adolescência ou adultez jovem, ela também pode levar a um cenário de vulnerabilidade. Assim, a universidade atua como mediadora de relações humanas e criadora de uma dinâmica psicológica que contempla distintos significados e valores, tornando-se instrumento de regulação e equilíbrio da personalidade do indivíduo. Entretanto, ocorrem limitações da instituição em oferecer segurança, gratificação, desenvolvimento eficiente da personalidade e possibilidade de reparação (Bardagi, 2007; Bohry, 2007).

De acordo com o relatório do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários Estudantis (FONAPRACE, 2019), em uma amostra de 424.128 estudantes de Instituições Federais Brasileiras de Ensino Superior (IFES), 83,5% relataram passar por algum tipo de dificuldade emocional nos últimos 12 meses. A ansiedade foi o sintoma de maior prevalência (63,6%). Desânimo e falta de motivação também foram sintomas frequentemente encontrados neste estudo (45,6%), sendo que somente pouco mais de um terço destes estudantes procuraram por algum tipo de atendimento psicológico. Outros estudos nacionais também evidenciaram a frequência de sintomas psicopatológicos, principalmente, relacionados ao abuso e ou uso nocivo de substâncias psicoativas (Andrade et al., 2014; Trindade, Diniz, & Sá, 2018).

Em relação a estudos internacionais, o relatório anual (2011-2012) da *Association for University and College Counseling Center Directors* (2012) indicou que dentre aqueles estudantes que buscaram atendimento psicológico em universidades de diversos países, aproximadamente 40% apresentaram algum sintoma de ansiedade e 36%, de algum sintoma depressivo. Em um estudo realizado pela *National Union of Students* (2015), 78% dos estudantes apresentavam algum sintoma de doença mental. Estes sintomas, quando agravados e frequentes, podem gerar prejuízos significativos na vida do indivíduo, caracterizando um transtorno mental (American Psychiatry Association, 2013). Os transtornos mentais têm se tornado cada vez mais frequentes na população brasileira, sendo que 9,3% dos brasileiros apresentam algum transtorno de ansiedade e 5,8%, algum transtorno depressivo (World Health Organization, 2017). Neste mesmo relatório, o Brasil foi identificado como o país com o maior número de pessoas ansiosas.

Entre as classificações de transtornos referidas nos manuais (como DSM-5 e CID-11; WHO, 2019) e a descrição de sinais e sintomas isolados, existe um grupo de problemas de saúde mental frequente na população que não preenche os critérios formais para diagnósticos de depressão e/ou ansiedade, os Transtornos Mentais Comuns (TMC). Os TMC também são conhecidos como transtornos psiquiátricos menores ou transtornos mentais não psicóticos e foram inicialmente descritos como um grupo de sinais e sintomas somáticos e emocionais que incluem: insônia, fadiga, mal-estar físico, irritabilidade, tristeza, nervosismo, ansiedade, estresse, esquecimento, dificuldade de concentração e sensação de inutilidade (Ghosh,

2006; Goldberg & Huxley, 1992). Devido à extensa sintomatologia, causam sofrimento e levam a um funcionamento desadaptativo, com prejuízos na capacidade funcional e na qualidade de vida da pessoa afetada (Murcho, Pacheco, & Jesus, 2016).

Estudos empíricos e de revisão de literatura apontam prevalências diversas de TMC na população geral e em públicos específicos. A revisão de Fonseca, Guimarães e Vasconcellos (2008) identificou prevalência de 56% de TMC em usuários de unidades de atenção primária de saúde no Rio de Janeiro; enquanto a pesquisa realizada com 3.618 moradores da área urbana da cidade de São Paulo encontrou índices de 19,7% (Santos, Alves, Goldbaum, Cesar, & Gianini, 2019). Estudos com populações específicas apontaram frequências variando entre 5,4% e 30,2% entre motociclistas (Coêlho & Ceballos, 2018); de 27,9% e 21% entre profissionais da área da saúde (Alves, Pedrosa, Coimbra, Miranzi, & Hass, 2015; Araújo, Mattos, Almeida & Santos, 2016) e; de 27,2% entre trabalhadores do judiciário federal (Amazarray, Oliveira, & Feijó, 2019). Estes estudos concluem que apenas pequena parcela é corretamente identificada e tratada, e sugerem que mais pesquisas são necessárias para identificar prevalência e fatores associados aos TMC em populações específicas.

Considerando que dados da literatura nacional e internacional indicam que os universitários estão mais vulneráveis ao desenvolvimento de alguns transtornos mentais como depressão, ansiedade e estresse, quando comparados à população geral (Auerbach et al., 2016; Bardagi, 2007; Bohry, 2007; FONAPRACE, 2019; Kerebih, Ajaeb, & Hailesilassie, 2017), a investigação sobre TMC se mostra relevante nesta população. Neste sentido, a presente revisão tem como objetivo descrever e analisar as publicações científicas sobre a prevalência de Transtornos Mentais Comuns entre universitários brasileiros. Espera-se que este estudo contribua para a sistematização de informações que possam indicar direções para futuros estudos e políticas de saúde nesta área.

## Método

### Caracterização do estudo

Trata-se de uma revisão sistemática de frequência com a seguinte pergunta de pesquisa: Qual a frequência de TMC entre universitários brasileiros? Os componentes da pergunta seguiram o acrônimo POT (e não PICOT), indicado para revisões sistemáticas de frequência que objetivam verificar a ocorrência de um fenômeno em determinada localidade. Neste caso, P (Participantes) foram universitários, O (*Outcome* ou desfecho) foi a frequência de TMC, e T (Tipo de estudo) foram estudos transversais brasileiros. Utilizou-se as diretrizes de descrição para revisão do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) (Moher, Liberati, Tetzlaff, & Altman, 2009), porém sem submissão prévia de um protocolo.

### Ferramentas de busca

As buscas foram realizadas em abril de 2020 na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) utilizando os descritores e operadores booleanos: (Acadêmicos OR Universitários) AND “Transtornos Mentais Comuns”. Não foram utilizados filtros que limitassem a busca. Os critérios de inclusão foram: a) descritores presentes no título, resumo ou palavras-chave; b) artigos empíricos de metodologia quantitativa, descritiva e transversal, publicados entre 2010 e 2020 e; c) pesquisas realizadas em universidades brasileiras publicadas nos idiomas português, inglês ou espanhol. Excluíram-se teses, dissertações, artigos teóricos e artigos empíricos que se tratassem de estudantes de outros níveis de ensino.

### Extração dos dados

Fundamentado nas estratégias de busca descritas, foram identificados 229 artigos. Em seguida, por meio do software de uso livre Rayyan® (Ouzzani, Hammady, Fedorowicz, & Elmagarmid, 2016), que permite que dois juízes façam as análises dos resumos de forma independente, foram feitas as etapas de triagem, elegibilidade e inclusão dos artigos. Assim, ocorreu a exclusão de 69 duplicidades e a partir dos critérios de elegibilidade, foram selecionados 18 artigos para a análise final. Após a leitura completa, cinco artigos foram excluídos por divergirem em aspectos de participantes e metodologia, permanecendo 13 incluídos. Por fim, realizou-se a técnica “bola de neve” (Tsafnat et al., 2014) e foram incluídos outros cinco artigos selecionados

a partir das referências citadas nos 13 artigos selecionados. O fluxograma das etapas de busca e seleção dos artigos está apresentado na Figura 1. O risco de viés de cada artigo não foi avaliado.

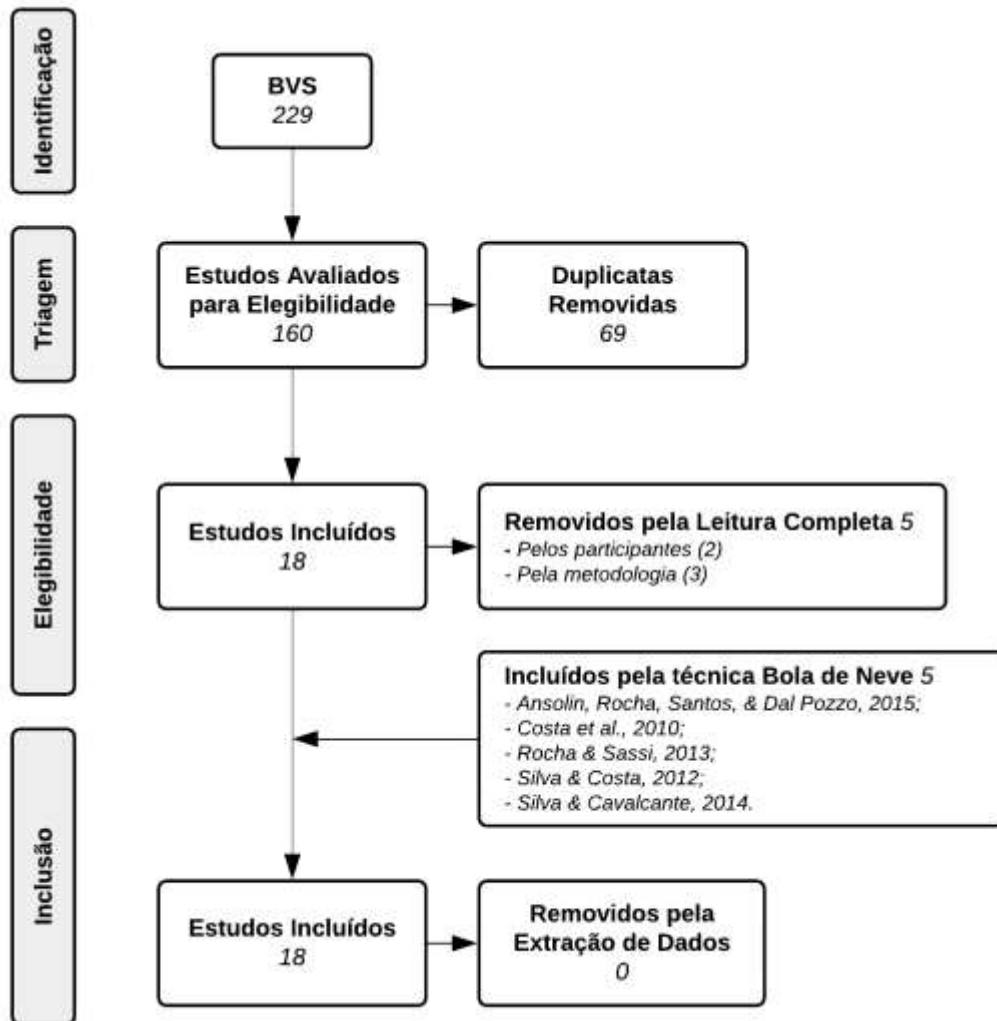


Figura 1.

Fluxograma de inclusão dos artigos. Fonte: Adaptado PRISMA (Moher et al., 2009).

A extração dos dados ocorreu com o auxílio do software Excel. Analisou-se as características de publicação dos artigos, metodologia, objetivos, instrumentos, características da amostra, método de análise dos dados, prevalência de TMC e outras variáveis relacionadas. Também foram analisadas as recomendações e limitações descritas nos estudos.

## Resultados

### Caracterização dos estudos

Os 18 artigos foram publicados em revistas relacionadas às áreas da medicina (n = 7), enfermagem (n = 5), saúde mental (n = 2), ciências da saúde (n = 1), educação física (n = 1), epidemiologia (n = 1) e psicologia (n = 1). Ainda que todos os estudos tenham sido conduzidos no Brasil e publicados em revistas nacionais, três foram publicados em inglês. Considerando o período de busca (2010-2020), os anos de 2014 e 2019 apresentaram as maiores frequências de publicações (quatro e três, respectivamente).

### Caracterização dos participantes

Os participantes dos estudos incluídos nesta revisão sistemática eram provenientes de quatro das cinco regiões do Brasil, excluindo-se o Centro-Oeste. Nove estudos foram conduzidos com amostras da região sudeste (sendo quatro em São Paulo), cinco na região nordeste, três no Sul e um no Norte (Acre). Todos os artigos objetivavam identificar a prevalência de TMC a partir de delineamento quantitativo, descritivo e transversal.

Em conjunto, as amostras dos artigos encontrados somam aproximadamente 3.745 participantes, 62,5% do sexo feminino, com idade entre 20 e 25 anos. A maioria eram estudantes da área da saúde, principalmente medicina e enfermagem (Tabela 1). Quanto ao perfil da Universidade, 14 artigos avaliaram estudantes de universidades públicas, três de universidades privadas (Ansolin, Rocha, Santos, & Dal Pozzo, 2015; Cachoeira et al., 2016; Melado, Vitorino, Szpilman, & Poton, 2019) e um de ambos os tipos, ainda que 84% desta amostra proveniente fosse de instituições privadas (Medeiros, Camargo, Barbosa, & Caldeira, 2018). A Tabela 1 apresenta a quantidade de estudantes de cada amostra, o tipo de curso e os resultados referentes à prevalência de TMC encontrada.

Tabela 1

*Sistematização dos Resultados dos Estudos sobre Prevalência de TMC em Universitários.*

Autores/Ano	Amostra	Curso	Prevalência de TMC
Ansolin et al., 2015	42	Psicologia e Enfermagem	35,7%
Cachoeira et al., 2016	40	Enfermagem	55%
Carleto et al., 2018	92	Enfermagem	43,5%
Costa et al., 2010	473	Medicina	42,5%
Costa et al., 2014	172	Medicina, Enfermagem e Odontologia	33,7%
Fiorotti et al., 2010	229	Medicina	37,1%
Gomes et al., 2020	378	Área das ciências sociais, humanas, exatas e biológicas.	39,9%
Grether et al., 2019	340	Medicina	50,9%
Medeiros et al., 2018	101	Medicina	42,4%
Melado et al., 2019	360	Medicina	45,6%
Oliveira et al., 2020	85	Enfermagem	55,3%
Rocha et al., 2013	354	Medicina	33,6%
Santos et al., 2017	115	Medicina	32,2%
Silva & Costa, 2012	455	Biologia, Enfermagem, Fisioterapia e Psicologia	19%
Silva et al., 2014	220	Biologia, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Nutrição e Odontologia	43,2%
A. G. Silva et al., 2014	434	Medicina	44,9%
B. P. Silva et al., 2014	76	Enfermagem	46,1%
Silva et al., 2019	88	Enfermagem	41%



## Detecção e prevalência de TMC

Em relação aos instrumentos, o *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20) foi o instrumento mais utilizado para identificar a presença de TMC, exceto em um estudo (Medeiros et al., 2018). Na maioria dos trabalhos, a prevalência do TMC foi calculada a partir do escore total do SRQ-20, mas cinco estudos (Ansolin et al., 2015; Cachoeira et al., 2016; Carleto, Moura, Santos, & Pedrosa, 2018; Oliveira et al., 2020; Silva, Corradi-Webster, Donato, Hayashida, & Siqueira, 2014) fizeram a análise por grupo de questões, classificando os sintomas em categorias: humor depressivo/ansioso, sintomas somáticos, decréscimo de energia vital e pensamentos depressivos. Este procedimento foi proposto inicialmente por Iacoponi e Mari (1989). A partir desta classificação, o humor depressivo/ansioso apresentou a maior prevalência entre os estudos.

Considerando a prevalência de sintomas de TMC nos universitários brasileiros, a frequência encontrada foi elevada, variando de 19% a 55,3%. Cinco dos 18 estudos encontraram frequência de 32,2% a 39,9%, onze identificaram frequência entre 41% e 55,3% e apenas um identificou frequência de 19% (conforme identificados na Tabela 1). Entre mulheres, a frequência de sintomas de TMC variou de 24% a 69% e entre homens variou de 14% a 45,8%. Também foram investigadas associações de TMC com variáveis sociodemográficas, outros aspectos de saúde e questões relacionadas ao curso. Os resultados mais significativos dessas análises estão apresentados no Tabela 2.

Tabela 2

*Variáveis que Apresentaram Associação com TMC*

Variável	Prevalência de TMC	Resultado	Estudo
Sexo	Maior em mulheres	43,50% - 17,20% 24% - 14%	Costa et al., 2014 Silva & Costa, 2012
Idade	Maior entre 22 e 30 anos	53,8% - 30,6%	Medeiros et al., 2018
	Maior entre 20 e 23 anos	49% (p = 0,04)	Silva & Costa, 2012
Estado Civil	Maior entre < de 19 anos	[OR = 2,5 (IC 95%, 1,23-5,25)],	Fiorotti et al., 2010
	Maior entre solteiros	42,6% (p = 0,027)	Rocha et al., 2013
Religião	Maior entre espíritas	p = 0,066	Cachoeira et al., 2016
	Maior em quem não segue Ter uma religião foi um fator protetor	[OR = 1,9 (IC 95%, 1,22-2,94)]	Fiorotti et al., 2010
Renda	Maior em quem não tem renda própria	44,8% (p = 0,005)	Rocha et al., 2013
Moradia	Relação de prevalência de TMC com adaptação à cidade	p = 0,02	A. G. Silva et al., 2014
		[OR = 1,6 (IC 95%, 1,04-2,30)]	Fiorotti et al., 2010
Emprego Tipo de curso	Maior em desempregados	Adaptados: 35,5%	A. G. Silva et al., 2014
	Maior na área de saúde (p= 0,01)	Parcialmente adaptados: 61,0%	
Aspectos acadêmicos	Maior nos que tinham dificuldade para conciliar os estudos com o lazer	Não adaptados: 81,3%	
	Maior naqueles com carga acadêmica superior a oito horas	p = 0,060	Cachoeira et al., 2016
Aspectos Sociais	Maior nos que tinham menos de duas horas de lazer por dia	Fisioterapia 40%	Silva et al., 2012
	Maior naqueles com dificuldades de fazer amigos	Enfermagem 25%	
Aspectos de Saúde	Maior nos que se sentem rejeitados	Biologia 19%	
	Maior nos que referiram não receber apoio emocional	Psicologia 16%	Fiorotti et al., 2010
Aspectos de Saúde	Maior nos tímidos durante a infância ou adolescência	(p = 0,001)	Fiorotti et al., 2010
	Maior naqueles com história familiar de doença psiquiátrica	58,4%	Grether et al., 2019
Aspectos de Saúde	Maior naqueles com qualidade de sono insatisfatória	46,8%	
		65,7%	A. G. Silva et al., 2014
Aspectos de Saúde	Maior nos que se sentem rejeitados	77,5%	Rocha et al., 2013
	Maior nos que referiram não receber apoio emocional	67,3%	A. G. Silva et al., 2014
Aspectos de Saúde	Maior nos tímidos durante a infância ou adolescência	82,9%	Rocha et al., 2013
	Maior naqueles com história familiar de doença psiquiátrica	[OR = 7,4 (IC 95%, 3,1-17,9)]	Fiorotti et al., 2010
Aspectos de Saúde	Maior naqueles com qualidade de sono insatisfatória	[OR = 2,5 (IC 95%, 1,0-6,1)]	Fiorotti et al., 2010
		43,8%	Rocha et al., 2013
Aspectos de Saúde	Maior naqueles com história familiar de doença psiquiátrica	(RR 1,24; IC95% 1,01, 1,54)	Melado et al., 2019
	Maior naqueles com qualidade de sono insatisfatória	(RR 1,49; IC95% 1,17, 1,90)	Melado et al., 2019

## Discussão

Este trabalho teve como objetivo descrever e analisar as publicações científicas sobre prevalência de TMC entre universitários brasileiros. Considerando todos os estudos analisados, a frequência de sintomas de TMC neste público-alvo foi bastante elevada, com variação de 19% a 55,3%, e mais da metade com frequência acima de 40%. No âmbito nacional, taxas elevadas similares e com grande variação (17% a 77,3%) também foram identificadas em revisões integrativas sobre prevalência de TMC na população geral brasileira (Tavares et al., 2011) e em universitários (18,5% a 49,1%; Graner & Cerqueira, 2019). Entre adolescentes escolares (n = 74.589), Lopes et al. (2016) identificaram prevalência de 30% de sintomas de TMC no primeiro estudo epidemiológico com representatividade para os municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes. Isto significa que praticamente um terço dos estudantes escolares do referido estudo apresentaram sintomas de TMC e que esta taxa é ainda mais elevada entre universitários. Estes dados indicam que intervenções de promoção de saúde devem ser implementadas já em escolas de ensino fundamental e médio de modo a prevenir que sintomas de TMC surjam ou se agravem quando os alunos chegam à universidade, considerando todas as novas exigências deste novo contexto educacional.

Estudos internacionais também avaliaram a presença de TMC entre universitários. A pesquisa realizada por Kerebih et al. (2017) com estudantes de medicina em uma universidade da Etiópia apresentou prevalência de sintomas de TMC em 35,2% da amostra (n=305) e identificou que variáveis como ser do sexo feminino, jovem, casada, baixa renda e uso contínuo de álcool e tabaco apresentaram maior associação com a TMC. Um estudo belga conduzido com 4.291 estudantes, indicou que aproximadamente um em cada três estudantes relatou problemas de saúde mental no ano anterior, com problemas de internalização e externalização associados a prejuízos no funcionamento acadêmico (Bruffaerts et al., 2018).

A partir de dados de pesquisas da Organização Mundial da Saúde, realizados em 21 países, Auerbach et al. (2016) examinaram as relações entre transtornos mentais com ingresso e desgaste no ensino superior. Constatou-se que 20,3% dos estudantes apresentavam sintomas há 12 meses, sendo que mais de 80% já estavam presentes no período pré-matrícula. Os autores concluíram que a detecção e tratamento desses

transtornos no início da trajetória acadêmico-universitária podem reduzir o desgaste físico e emocional e melhorar o funcionamento educacional e psicossocial dos estudantes.

Comparados com dados sobre prevalência de TMC entre população geral e outros públicos específicos, as taxas de TMC entre universitários brasileiros foi mais elevada. Moraes, Silva, Oliveira e Peres (2017) identificaram prevalência de TMC em 14,7% de uma amostra de adultos (n=1720), com taxas mais elevadas entre mulheres. Entre profissionais da área da saúde, encontrou-se frequência de 29,7% de sintomas de TMC associados a variáveis sociodemográficas e condições laborais (Carlotto, 2017), e de 21%, cuja intensidade se mostrou mais elevada no grupo exposto à alta exigência e baixo apoio social (Mattos, Araújo, & Almeida, 2017). Especificamente entre profissionais de enfermagem, a prevalência de TMC foi ligeiramente maior (35%), embora ainda mais baixa do que as encontradas entre os universitários desta revisão, e foi associada às condições de trabalho e saúde (Rodrigues, Rodrigues, Oliveira, Laudano, & Nascimento, 2014). A partir de dados secundários provenientes do Inquérito de Saúde do Município de São Paulo de 2015, observou-se uma prevalência de 19,7% de TMC (Santos et al., 2019). Estes índices foram maiores entre mulheres, indivíduos que nunca frequentaram a escola, inativos e/ou desempregados, e que possuíam renda familiar de até um salário-mínimo.

Em relação ao sexo, a maior prevalência de TMC encontrada nas universitárias mulheres desta revisão foi de 69% (Silva & Cavalcante Neto, 2014) e nos homens foi de 45,80% (Carleto et al., 2018); e as menores prevalências foram de 30,8% e 14,7%, respectivamente, no estudo de Melado et al. (2019). Apesar desta diferença, apenas três dos 18 estudos encontraram maior índice de TMC em mulheres ao comparar grupos por sexo (Costa et al., 2014; Medeiros et al., 2018; Silva & Costa, 2012). Maiores taxas de TMC em mulheres também foram confirmadas em revisão integrativa (Tavares et al., 2011) e sistemática sobre prevalência de TMC em adultos brasileiros (Santos & Siqueira, 2010) e em meta-análise sobre prevalência mundial de TMC (Steel et al., 2014). Um estudo transversal de base populacional realizado em Campinas/SP sobre a prevalência de TMC em 848 mulheres apontou taxas que variaram de 19% a 34% (Senicato, Azevedo, & Barros, 2018), ou seja, inferiores às encontradas em universitárias. Isto significa que universitárias brasileiras

apresentam maiores índices de TMC quando comparadas a mulheres da população geral tanto em âmbito nacional como internacional. Embora não se possa inferir relação de causalidade a partir destes resultados, futuros estudos são necessários para investigar se ser do sexo feminino e pertencer ao grupo de estudantes universitários no Brasil apresentam maiores fatores de risco para desenvolvimento de TMC.

As diferenças observadas nas prevalências de TMC entre os sexos podem ser compreendidas pelos papéis e comportamentos sociais específicos, como a combinação de trabalho e responsabilidades familiares, que é uma realidade vivenciada ainda por um grande número de mulheres e que representa um fator que pode acarretar consequências adversas à saúde física e emocional. Além disso, há o modo como as mulheres vivenciam, expressam e lidam com os estressores, assim como suas estratégias de enfrentamento, as quais podem variar de acordo com o contexto social e cultural na qual estão inseridas, com possíveis implicações em sua saúde mental (Carlotto, 2017; Heppner, 2008; Mirvis, Graney, Ingram, Tang, & Kilpatrick, 2006).

Na análise de outras variáveis relacionadas a TMC evidenciadas nos artigos desta revisão sistemática, aquelas que apresentaram maiores associações com estes transtornos em estudantes universitários foram as relacionadas a aspectos sociais, como dificuldades de fazer amigos e sentimento de rejeição (Rocha & Sassi, 2013; Silva, Cerqueira, & Lima, 2014). Um estudo de revisão da literatura nacional sobre ansiedade social e treinamento de habilidades sociais em universitários indicou que as instituições de ensino superior devem desenvolver políticas de promoção à saúde mental e desenvolvimento de habilidades sociais como medidas protetivas ao desenvolvimento de transtornos de ansiedade social (Borba, Hayasida, & Lopes, 2019).

Outras variáveis com dimensões biológicas e psicológicas também foram detectadas nos estudos desta revisão em menor frequência, conforme visto na Tabela 2. De forma similar a essas variáveis secundárias identificadas no presente estudo, a revisão integrativa de Graner e Cerqueira (2019) sobre sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados identificou como fatores de risco e proteção, aspectos relacionados à vida acadêmica, autoestima, autoeficácia, estratégias de *coping*, entre outras condições psicológicas. Em conformidade, o estudo realizado por Santos et al. (2019) apontou que as variáveis de maior associação com TMC foram as relacionadas a outras questões de saúde mental, como deficiência intelectual e

problemas emocionais, mas, ainda assim, apresentaram porcentagens inferiores à maioria das encontradas em estudantes universitários, o que confirma a necessidade do desenvolvimento e políticas de promoção à saúde para este público.

Em conjunto, os dados da literatura científica apontam para a importância da identificação das dificuldades enfrentadas pelos estudantes durante sua trajetória escolar e acadêmica. Essas informações são estratégicas para se pensar maneiras de enfrentamento de tais dificuldades e para o desenvolvimento de programas de prevenção e cuidado. As políticas devem ser direcionadas a reduzir os impactos negativos e proporcionar melhor qualidade de vida, benefícios à saúde física e emocional, e melhor desempenho acadêmico dos alunos (Tavares et al., 2011).

Em relação ao instrumento, o *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ) foi o mais utilizado para avaliar sintomas de TMC dentre os levantados nesta revisão (embora alguns com pontos de corte diferente) e em estudos com o mesmo objetivo em outras amostras (ver revisão de Tavares et al., 2011). Esse instrumento permite a identificação precoce de sinais e sintomas de possíveis indicadores de problemas de saúde mental, sendo recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um método para detecção dos TMC (Tavares et al., 2011). Além do SRQ, alguns estudos também utilizaram *General Health Questionnaire* como ferramenta para avaliar prevalência de TMC (Lopes et al., 2016; Graner & Cerqueira, 2019). Ressalta-se que a utilização do mesmo instrumento nos diferentes estudos possibilitou a comparação dos resultados de forma mais fidedigna (Lopes, Andretta, & Oliveira, 2019).

Os artigos incluídos nesta revisão apresentaram limitações metodológicas em seus estudos. Diante do risco de viés da coleta de informações, todos apontaram para o uso de instrumentos autoaplicáveis e indicaram que para reduzir o risco de desejabilidade social nas respostas, o anonimato dos questionários foi ressaltado aos participantes como medida preventiva. Outra limitação referida nos estudos foi sobre o uso do método transversal como incapaz de determinar relação de causalidade e de acompanhar a evolução dos quadros, ainda que os estudos transversais norteiem os sentidos seguidos pelas variáveis e os desfechos. Diante disso e visando aprofundar a compreensão da relação entre o âmbito universitário brasileiro e os TMC, sugere-se que

sejam realizados estudos longitudinais e de avaliação de intervenções psicológicas direcionadas a este público específico.

Nesse sentido, as recomendações dadas pelos artigos, de forma geral, envolvem tanto aspectos de prevenção quanto aspectos de tratamento, visando diminuir o alto índice de prevalência de TMC entre os universitários, bem como o consumo de drogas. Como exemplo de ações indicadas, tem-se o suporte psicoterapêutico e psicopedagógico; programas de apoio à saúde mental, ao lazer e ao esporte; cursos de desenvolvimento interpessoal e de outras competências; além daquelas relacionadas à área de formação profissional. Ainda, dado que os cursos da área da saúde foram os mais investigados, é importante destacar que tais ações também podem contribuir para um melhor cuidado aos pacientes atendidos por tais universitários. Por fim, sugere-se também uma participação mais ativa dos estudantes em seus processos de aprendizagem, auxiliando, assim, no vínculo formado com o ambiente de ensino. Dessa forma, a conscientização e o engajamento da comunidade acadêmica se tornam essenciais para a formação profissional humanizada, com mudanças nas diretrizes curriculares e melhora na qualidade de vida dos estudantes.

### **Considerações Finais**

Esta revisão sistemática possibilitou a identificação da prevalência de TMC entre universitários brasileiros, revelando que as taxas são superiores a estudos internacionais com universitários, e similares ou superiores às identificadas em estudos nacionais com população geral e com outras amostras específicas. Os resultados apontam a necessidade de compreender as vulnerabilidades que influenciam o desenvolvimento de sintomas de TMC, além de alertar para a formulação e implementação de medidas preventivas e de cuidado em saúde mental para este público. Apesar de sistematizar os estudos sobre TMC e de contribuir para mostrar o panorama nacional nesta temática, a partir do uso do PRISMA como guia para a descrição das etapas, o presente estudo não avaliou o possível viés em cada estudo e nem entre estudos a partir de um protocolo qualitativo, o que pode ser considerada uma limitação metodológica. Em compensação, apresentou as limitações referidas pelos próprios autores e também outras identificadas na análise qualitativa dos mesmos, assim como sistematizou as recomendações para futuros estudos na área. Para o avanço de estudos nesta

temática, sugere-se que instituições educacionais, tanto universidades, como instituições de ensino fundamental e médio, desenvolvam e avaliem a eficácia e efetividade de políticas de prevenção e cuidado em saúde mental.



## Referências

- Alves, A. P., Pedrosa, L. A., Coimbra, M. A., Miranzi, M. A., & Hass, V. J. (2015). Prevalência de transtornos mentais comuns entre profissionais de saúde. *Revista de Enfermagem UERJ*, 23(1), 64-69. doi:10.12957/reuerj.2015.8150
- Amazarray, M. R., Oliveira, G. F., & Feijó, F. R. (2019). Contexto de trabalho e transtornos mentais comuns em trabalhadores do judiciário federal no Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Psicologia: Organizações & Trabalho*, 19(3), 687-694. doi:10.17652/rpot/2019.3.16744
- American Psychiatric Association (APA). (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders, fifth edition*. Arlington: American Psychiatric Association.
- Andrade, J. B., Sampaio, J. J., Farias, L. M., Melo, L. D., Sousa, D. P., Mendonça, A. L., ... & Cidrão, I. S. (2014). Contexto de formação e sofrimento psíquico de estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 38(2), 231-242. doi:10.1590/S0100-55022014000200010
- Ansolin, A. G., Rocha, D. L., Santos, R. P., & Dal Pozzo, V. C. (2015). Prevalência de transtorno mental comum entre estudantes de psicologia e enfermagem. *Arquivos de Ciências da Saúde*, 22(3), 42-45. doi:10.17696/2318-3691.22.3.2015.83
- Araújo, T. M., Mattos, A. I., Almeida, M. M., & Santos, K. O. (2016). Aspectos psicossociais do trabalho e transtornos mentais comuns entre trabalhadores da saúde: contribuições da análise de modelos combinados. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 19(3), 645-657. doi:10.1590/1980-5497201600030014
- Association for University and College Counseling Center Directors. (2012). *The Association for University and College Counseling Center Directors Annual Survey*. Recuperado de [https://files.cmcglobal.com/Monograph\\_2012\\_AUCCCD\\_Public.pdf](https://files.cmcglobal.com/Monograph_2012_AUCCCD_Public.pdf)
- Auerbach, R. P., Alonso, J., Axinn, W. G., Cuijpers, P., Ebert, D. D., Green, J. G., ... & Nock, M. K. (2016). Mental disorders among college students in the World Health Organization world mental health surveys. *Psychological Medicine*, 46(14), 2955-2970. doi:10.1017/s0033291716001665

- Bardagi, M. P. (2007). Evasão e comportamento vocacional de universitário. Estudos sobre o desenvolvimento de carreira na graduação. (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). Recuperado de <http://hdl.handle.net/10183/10762>
- Bohry, S. (2007). Crise Psicológica do Universitário e trancamento geral de matrícula por motivos de saúde (Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasil). Recuperado de <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2817>
- Borba, C., Hayasida, N., & Lopes, F. (2019). Ansiedade social e habilidades sociais em universitários. *Psicologia em Pesquisa, 13*(3), 119-136. doi:10.34019/1982-1247.2019.v13.27052
- Bruffaerts, R., Mortier, P., Kiekens, G., Auerbach, R., Cuijpers, P., & Demyttenaere, K., ... Kessler, R. (2018). Mental health problems in college freshmen: Prevalence and academic functioning. *Journal of Affective Disorders, 225*, 97-103. doi:10.1016/j.jad.2017.07.044
- Cachoeira, D. V., Santos, S. C., Meneganti, A. P., Negreiros, N. F., Cardoso, L., & Preto, V. A. (2016). Relação do perfil sociodemográfico com o risco de adoecimento por transtornos mentais comum em alunos do curso de enfermagem. *Revista de Enfermagem UFPE online; 10*(12), 4501-4508. doi:10.5205/reuol.9978-88449-6-ED1012201610
- Carleto, C. T., Moura, R. C., Santos, V. S., & Pedrosa, L. A. (2018). Adaptação à universidade e transtornos mentais comuns em graduandos de enfermagem. *Revista Eletrônica de Enfermagem, 20*, 1-11. doi:10.5216/ree.v20.43888
- Carlotto, M. (2017). Transtornos mentais comuns em trabalhadores de unidades básicas de saúde: Prevalência e fatores associados. *Psicologia Argumento, 34*(85), 133-146. doi:10.7213/psicol.argum.34.085.AO04
- Coelho, V. M., & Ceballos, A. G. (2018). Transtornos mentais comuns em motociclistas: Uma revisão integrativa de literatura. *Journal of Health & Biological Sciences, 6*(3), 327-333. doi: 10.12662/2317-3076jhbs.v6i3.1834.p327-333.2018

- Costa, E. F., Andrade, T. M., Silvany, A. M., Neto, Melo, E. V., Rosa, A. C., Alencar, M. A., & Silva, A. M. (2010). Common mental disorders among medical students at Universidade Federal de Sergipe: a cross-sectional study. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 32(1), 11-19. doi:10.1590/S1516-44462010000100005
- Costa, E. F., Rocha, M. M., Santos, A. T., Melo, E. V., Martins, L. A., & Andrade, T. M. (2014). Common mental disorders and associated factors among final-year healthcare students. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 60(6), 525-530. doi: 10.1590/1806-9282.60.06.009
- Fiorotti, K. P., Rossoni, R. R., Borges, L. H., & Miranda, A. E. (2010). Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 59(1), 17-23. doi:10.1590/S0047-20852010000100003
- Fonseca, M. L., Guimarães, M. B., & Vasconcellos, E. M. (2008). Sofrimento difuso e transtornos mentais comuns: uma revisão bibliográfica. *Revista de Atenção Primária à Saúde*, 11(3), 285-294. Recuperado de <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/14269>
- Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. (2019). V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das Instituições Federais de Ensino Superior. Recuperado de <http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconômico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>
- Ghosh, J. M. (2006). Unexplained somatic symptoms—diagnostic window for mental disorders. *Journal of Indian Medical Association*, 104(5), 255-258. Recuperado de <https://europepmc.org/article/med/17058571>
- Goldberg, D., & Huxley, P. (1992). *Common mental disorders: A bio-social model*. Londres: Routledge. Recuperado de <https://psycnet.apa.org/record/1992-97161-000>
- Gomes, C., Pereira, R. Jr., Cardoso, J., & Silva, D. (2020). Transtornos mentais comuns em estudantes universitários. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)*, 16(1), 1-8. doi:10.11606//issn.1806-6976.smad.2020.157317

- Graner, K., & Cerqueira, A. (2019). Revisão integrativa: Sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(4), 1327-1346. doi:10.1590/1413-81232018244.09692017
- Grether, E. O., Becker, M. C., Menezes, H. M., & Nunes, C. R. D. O. (2019). Prevalência de transtornos mentais comuns entre estudantes de medicina da Universidade Regional de Blumenau (SC). *Revista Brasileira de Educação Médica*, 43(1), 276-285. doi:10.1590/1981-5271v43suplemento1-20180260
- Heppner, P. P. (2008). The conceptualization and measurement of applied problem solving and coping: From stages to dimensions to the almost forgotten cultural context. *American Psychologist*, 63(8), 805- 816. doi:10.1037/0003-066x.63.8.805
- Iacoponi, E., & Mari, J. J. (1989). Reliability and factor structure of the Portuguese version of Self-Reporting Questionnaire. *International Journal of Social Psychiatry*, 35(3), 213-222. doi:10.1177/002076408903500301
- Kerebih, H., Ajaeb, M., & Hailesilassie, H. (2017). Common mental disorders among medical students in Jimma University, Southwest Ethiopia. *African Health Sciences*, 17(3), 844-851. doi:10.4314/ahs.v17i3.27
- Lopes, C., Abreu, G., Santos, D., Menezes, P., Carvalho, K., & Cunha, C., ... Szklo, M. (2016). ERICA: Prevalence of common mental disorders in Brazilian adolescents. *Revista de Saúde Pública*, 50(suppl 1), 1s-9s. doi:10.1590/s01518-8787.2016050006690
- Lopes, F. M., Andretta, I., Oliveira, M.S. (2019). Avaliação psicológica dos transtornos relacionados a substâncias psicoativas. In M. N. Baptista et al. (Org.), *Compêndio de Avaliação Psicológica* (pp. 692-701). Petrópolis: Vozes.
- Mattos, A., Araújo, T., & Almeida, M. (2017). Interaction between demand-control and social support in the occurrence of common mental disorders. *Revista de Saúde Pública*, 51, 1-9. doi: 10.1590/S1518-8787.2017051006446

- Medeiros, M. R., Camargo, J. F., Barbosa, L. A., & Caldeira, A. P. (2018). Saúde mental de ingressantes no curso médico: Uma abordagem segundo o sexo. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 42(3), 214-221. doi:10.1590/1981-52712015v42n3rb20170008
- Melado, A. S., Vitorino, F. A., Szpilman, A. R., & Poton, W. L. (2019). Prevalence and risk factors associated with common mental disorders among medical students. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, 14(41), 1911-1922. doi:10.1016/j.apnu.2019.06.001
- Mirvis, D. M., Graney, M. J., Ingram, L., Tang, J., & Kilpatrick, A. O. (2006). Burnout and psychological stress among deans of colleges of medicine: a national study. *Journal of Health and Human Services Administration*, 29(1), 4-25. Retrieved from <https://www.jstor.org/stable/25790676>
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & Prisma Group. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The PRISMA statement. *PloS Medicine*, 6(7), 1-6. doi:10.1371/journal.pmed.1000097
- Moraes, R., Silva, D., Oliveira, W., & Peres, M. (2017). Social inequalities in the prevalence of common mental disorders in adults: A population-based study in Southern Brazil. *Revista Brasileira De Epidemiologia*, 20(1), 43-56. doi:10.1590/1980-5497201700010004
- Murcho, N. A., Pacheco, E., & Jesus, S. N. (2016). Transtornos mentais comuns nos cuidados de saúde primários: um estudo de revisão. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 15, 30-36. doi:10.19131/rpesm.0129
- National Union of Students. (2015). Mental Health Poll. Recuperado de <https://www.nusconnect.org.uk/resources/mental-health-poll-2015>
- Oliveira, E. B., Zeitoune, R. C., Gallasch, C. H., Pérez, E. F., Jr., Silva, A. V., & Souza, T. C. (2020). Trastornos mentales comunes en académicos de enfermería del ciclo profesional. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(1), 1-6. doi:10.1590/0034-7167-2018-0154.
- Ouzzani, M., Hammady, H., Fedorowicz, Z., & Elmagarmid, A. (2016). Rayyan—a web and mobile app for systematic reviews. *Systematic Reviews*, 5(210), 1-10. doi:10.1186/s13643-016-0384-4

- Rocha, E. S., & Sassi, A. P. (2013). Transtornos mentais menores entre estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 37(2), 210-216. Recuperado de [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010055022013000200008&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010055022013000200008&script=sci_arttext&tlng=pt)
- Rodrigues, E., Rodrigues, U., Oliveira, L., Laudano, R., & Nascimento, C., Sobrinho. (2014). Prevalence of common mental disorders in nursing workers at a hospital of Bahia. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 67(2), 296-301. doi:10.5935/0034-7167.20140040
- Santos, E., & Siqueira, M. M. (2010). Prevalência dos transtornos mentais na população adulta brasileira: Uma revisão sistemática de 1997 a 2009. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 59(3), 238-246. doi:10.1590/S0047-20852010000300011
- Santos, G. B., Alves, M. C., Goldbaum, M., Cesar, C. L., & Gianini, R. J. (2019). Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados em moradores da área urbana de São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(11), 1-10. doi:10.1590/0102-311X00236318
- Santos, L. S., Ribeiro, Í. J., Boery, E. N., & Boery, R. N. (2017). Qualidade de vida e transtornos mentais comuns em estudantes de medicina. *Cogitare Enfermagem*, 22(4), 1-7. doi:10.5380/ce.v22i4.52126
- Senicato, C., Azevedo, R. C., & Barros, M. B. (2018). Transtorno mental comum em mulheres adultas: Identificando os segmentos mais vulneráveis. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(8), 2543-2554. doi:10.1590/1413-81232018238.13652016
- Silva, A. D., & Cavalcante Neto, J. L. (2014). Associação entre níveis de atividade física e transtorno mental comum em estudantes universitários. *Motricidade*, 10(1), 49-59. doi:10.6063/motricidade.10(1).2125
- Silva, A. G., Cerqueira, A. T., & Lima, M. C. (2014). Apoio social e transtorno mental comum entre estudantes de Medicina. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 17, 229-242. doi:10.1590/1415-790X201400010018ENG

- Silva, B. P., Corradi-Webster, C. M., Donato, E. C., Hayashida, M., & Siqueira, M. M. (2014). Transtornos mentais comuns e consumo de bebida alcoólica e tabaco entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública na Amazônia Ocidental brasileira. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 10(2), 93-100. doi:10.11606/issn.1806-6976.v10i2p93-100
- Silva, P. L., Silva, B. F., Chagas, K. K., Tortola, M. B., & Caldeira, R. L. (2019). Transtorno mental comum entre estudantes de enfermagem e fatores envolvidos. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 9, 1-7. doi:10.19175/recom.v9i0.3191
- Silva, R. S., & Costa, L. A. (2012). Prevalência de transtornos mentais comuns entre estudantes universitários da área da saúde. *Encontro: Revista de Psicologia*, 15(23), 105-112. Recuperado de <https://revista.pgskroton.com/index.php/renc/article/view/2473>
- Steel, Z., Marnane, C., Iranpour, C., Chey, T., Jackson, J. W., Patel, V., & Silove, D. (2014). The global prevalence of common mental disorders: a systematic review and meta-analysis 1980-2013. *International Journal of Epidemiology*, 43(2), 476-493. doi:10.1093/ije/dyu038
- Tavares, J., Beck, C., Magnago, T., Greco, P., Prestes, F., & Silva, R. (2011). Produção científica sobre os distúrbios psíquicos menores a partir do self report questionnaire. *Revista De Enfermagem da UFSM*, 1(1), 113-123. doi:10.5902/217976922091
- Trindade, B. P., Diniz, A. V., & Sá, A. R. Jr. (2018). Uso de drogas entre estudantes universitários: uma perspectiva nacional. *Revista de Medicina e Saúde de Brasília*, 7(1), 52-60. Recuperado de <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rmsbr/article/view/8641>
- Tsafnat, G., Glasziou, P., Choong, M. K., Dunn, A., Galgani, F., & Coiera, E. (2014). Systematic review automation technologies. *Systematic reviews*, 3(1), 74-88. doi:10.1186/2046-4053-3-74
- World Health Organization (WHO). (2017). *Mental Health Atlas 2017*. Recuperado de <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/272735/9789241514019-eng.pdf?ua=1>
- World Health Organization (WHO). (2019). *International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems, eleventh revision*. Recuperado de <https://icd.who.int/browse10/2019/en>